

**A NATALIDADE EM HANNAH ARENDT**

**Márcia de Oliveira Álvares**

**Resumo:** O presente artigo busca no pensamento de Hannah Arendt algum esclarecimento acerca do agir político cujas conseqüências em cadeia o humano não tem como prever, sendo então estas irreversíveis depois de acontecidas, de forma que tais resultados só se têm como constatar historicamente de forma retrospectiva. Diante desta angústia se tentou eliminar a ação, o que trouxe implicações nefastas como é o caso do desenvolvimento das tecnologias que podem eliminar a vida na terra, após o surgimento de movimentos advindos da supressão da liberdade e das identidades das pessoas, como os regimes totalitários e o terror. Procura-se mostrar que o agir quando aliado ao comprometimento de umas pessoas para com as outras é garantidor da liberdade, a qual exprime a pura capacidade de começar, que anima e inspira todas as atividades humanas e tem consigo a mudança que faz com que nenhuma criação humana seja para sempre inclusive as infaustas. Com isso traz-se a baila o sentido da natalidade em Hannah Arendt. Agindo, o humano acarreta o novo e o inesperado, a cada nova geração surgem mais possibilidades de transformações e mudanças.

*Palavras-chave:* Natalidade; novidade; ação; discurso; totalitarismo; início; reinício; imprevisibilidade; irreversibilidade.

**The birth in Hannah Arendt**

**Abstract:** The present article seeks in the thought of Hannah Arendt some clarification about political action, whose chain consequences, human-beings cannot foresee. Such consequences are irreversible after they happen, so such results can only be found historically through a retrospective way. In face of this anguish, there was an attempt to eliminate action which has brought harmful implications like the case of technology development which can eliminate life on Earth especially after the emergence of movements brought about from the suppression of freedom and people's identities such as totalitarian regimes and terror. It will be shown that the action allied with the people's commitment to each other is a guarantor of freedom, which expresses the capacity to begin, which therefore animates and inspire all human activities and have with itself the change that makes no human creation to be forever, including the unfortunate. This brings about the meaning of birth for Hannah Arendt. Through acting, human beings generate the new and the unexpected; with each new generation there are more possibilities of transformation and change.

**Keywords:** birth, novelty, action, speech, totalitarianism, beginning, restart, unpredictability, irreversibility

## **1. O início: ação, discurso e imortalidade**

Ao tratar da revelação do agente no discurso e na ação Hannah Arendt explica que a pluralidade humana, que é condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e da distinção:

Se não fossem iguais, os homens não poderiam compreender uns aos outros e os que vieram antes deles, nem fazer planos para o futuro, nem prever as necessidades daqueles que virão depois deles. Se não fossem distintos [...] não precisariam do discurso nem da ação para se fazerem compreender. [...] a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres únicos. O discurso e a ação revelam essa distinção única.<sup>1</sup>

A alteridade é aspecto da pluralidade, nela estão as distinções que permitem dizer o que algo é. Entende Arendt que somente o homem é capaz de exprimir essa distinção e distinguir-se, como também somente ele é capaz de comunicar a si próprio e não somente comunicar alguma coisa. Os humanos aparecem uns para os outros distinguindo a si próprios, sendo que é por meio de palavras e atos que se inserem no mundo, inserção que segundo a autora é como um segundo nascimento que confirma e assume o fato do aparecimento físico original de cada um. Referida inserção é estimulada pela presença de outros, mas nunca condicionada por eles, visto que seu impulso vem do nascimento original, do começo, ao qual o humano responde quando inicia algo novo por sua própria iniciativa<sup>2</sup>. Assim, agir é iniciar, imprimir movimento a alguma coisa.

Diz Arendt que: “Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas, são impelidos a agir.” Santo Agostinho, em sua obra “A cidade de Deus” faz a diferenciação entre o início do mundo (*principium*) e o começo que é o homem (*initium*). *Principium* é um termo menos radical visto que não significa que nada houvesse sido criado antes do mundo, já que os anjos o foram, enquanto que *initium* empregada na frase que diz “*ergo ut esset, creatus est homo*,

---

<sup>1</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. (trad. Roberto Raposo. Ver. Adriano Correia). 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 219 - 220.

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p. 221.

# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

*Autarquia Municipal de Ensino Superior*

[www.direitofranca.br](http://www.direitofranca.br)

## Revista Eletrônica

*ante quem nullus fuit*<sup>3</sup> (“para que houvesse um início, o homem foi criado, sem que antes dele ninguém o fosse”) fica explícito que antes da criação do homem ninguém existia. Diferente da criação do mundo, ou de algo, trata-se do início de alguém que é também ele próprio um iniciador. Isto leva a autora a afirmar que “Com a criação do homem, veio ao mundo o próprio princípio do começar, e isso, naturalmente, é apenas outra maneira de dizer que o princípio da liberdade foi criado quando o homem foi criado, mas não antes.”<sup>4</sup>

No início algo novo começa, é surpreendente e aparece na forma de um milagre tal como a ‘infinita improbabilidade’ do surgimento da vida a partir da matéria inorgânica e o surgimento da Terra do ponto de vista do universo<sup>5</sup>, nesse sentido entende a autora que:

O novo sempre acontece em oposição à esmagadora possibilidade das leis estatísticas e à sua probabilidade que, para todos os fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim o novo sempre aparece na forma de um milagre. O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é único pode-se dizer verdadeiramente que antes dele não havia ninguém. Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como um ser distinto e único entre iguais.<sup>6</sup>

A ação, atividade que ocorre diretamente entre os homens, corresponde à condição humana da pluralidade.<sup>7</sup> É prerrogativa exclusiva do homem e depende inteiramente da presença de outros. O homem, por sua capacidade de realizar feitos imortais, apesar da sua mortalidade individual, atinge a imortalidade demonstrando sua natureza ‘divina’. Cabe ressaltar que a imortalidade é ação e não se confunde com o eterno, que é aquilo que é agora e que só ocorre fora dos assuntos humanos e fora da pluralidade<sup>8</sup>.

Ser visto e ouvido leva à existência, a aparição pública e o público, segundo Arendt, é o próprio mundo, na medida em que ele é comum a todos e diferente do lugar privado que cada um possui nele. O mundo não é idêntico à Terra, mas se relaciona com o que é fabricado pelas mãos humanas. O conviver no mundo então seria

<sup>3</sup> AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*, xii, 20. *Apud* ARENDT, Hannah. *A condição humana*. (trad. Roberto Raposo. Ver. Adriano Correia). 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 222.

<sup>4</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p. 222.

<sup>5</sup> *Idem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 222 - 223.

<sup>7</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p.8.

<sup>8</sup> *Ibidem*. p.24 - 25.

# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

*Autarquia Municipal de Ensino Superior*

www.direitofranca.br

## Revista Eletrônica

[...] ter um mundo de coisas interposto entre os que possuem em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo espaço-entre [*in-between*], o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si.<sup>9</sup>

O mundo deve conter um espaço público, ele não pode ser construído com somente uma só geração e nem ser planejado somente para os que estão vivos, mas deve ultrapassar a duração da vida dos homens mortais do presente. Sem essa potencial imortalidade nenhuma política, ou seja, nenhum mundo compartilhado ou domínio público são possíveis<sup>10</sup>. A respeito, nossa autora diz que:

[...] o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas como também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao vir e ir das gerações na medida em que aparece em público.<sup>11</sup>

E ilustra com o famoso trecho de Aristóteles: “Ao considerar os assuntos humanos não se deve [...] considerar o homem como ele é nem considerar o que é mortal nas coisas mortais, mas pensar neles [somente] na medida em que têm a possibilidade de imortalizar.”<sup>12</sup>”

## 2. A reação em cadeia do ato, sua imprevisibilidade e irreversibilidade

Ser visto e ouvido por outros tem sua importância no fato de que cada qual vê e ouve de ângulos diferentes. Somente em visibilidade diante de muitos a identidade de cada um é percebida na mais completa diversidade. O mundo comum dos homens acaba quando é visto de uma só perspectiva<sup>13</sup>.

O discurso e a ação se relacionam ao ato primordial porque devem conter resposta à pergunta que se faz ao recém-chegado: “Quem és?”<sup>14</sup>” Desacompanhada do discurso a ação perderia seu caráter revelador e o seu sujeito, visto que quem alguém é está implícito em suas palavras tanto quanto em seus feitos. A ação iniciada é humanamente revelada pela palavra,

---

<sup>9</sup> *Ibidem*. p.64.

<sup>10</sup> *Ibidem*. p.67.

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 177b31. *Apud* ARENDT, Hannah. *A condição humana*. (trad. Roberto Raposo. Ver. Adriano Correia). 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.68.

<sup>13</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p.70-71.

<sup>14</sup> *Ibidem*. P. 223.

onde a pessoa desvelada se identifica como ator. Diz Arendt que: “Ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem o seu aparecimento no mundo humano [...]”<sup>15</sup> Essa qualidade reveladora tanto do discurso quanto da ação se manifesta quando as pessoas estão com outras no domínio público.

Quem alguém é (desvelamento da identidade única e distinta) não se confunde com “o que” alguém é que são qualidades partilhadas pela pessoa com outras. Essa confusão ocorre pela dificuldade de se colocar em palavras a essência da pessoa.

A ação e o discurso ocorrem entre homens uma vez que a eles são dirigidos e revelam o agente.<sup>16</sup> Este espaço entre pessoas é tão real quanto o mundo das coisas visíveis. Entende a autora que seria uma “teia” de relações humanas. O desvelamento de “quem” pelo discurso e um novo início pela ação sempre se inserem em uma teia já existente. Nesta teia as conseqüências imediatas da ação e do discurso são sentidas. Juntas, as pessoas iniciam um novo processo que vai emergir como singular estória<sup>17</sup> de vida do recém-chegado, que vai afetar as estórias de todos os que com ele estiverem em contato. Desta forma a ação é real e ‘produz’ estórias. Em relação às estórias acredita Arendt que:

[...] a estória iniciada por um ato compõe-se dos feitos e dos padecimentos dele decorrente. Essas conseqüências são ilimitadas porque a ação, embora possa porvir de nenhures, por assim dizer, atua em um meio no qual toda reação se converte em reação em cadeia, e no qual todo processo é causa de novos processos.<sup>18</sup>

Assim a reação a ação é uma nova ação que vai seguir seu curso próprio afetando outros. A ação é ilimitada, visto que por vezes basta um ato ou palavra para mudar todo um conjunto. É disto que advém sua inerente imprevisibilidade, pois não só é impossível predizer o futuro e todas as conseqüências lógicas de determinado ato, como não se pode prever a estória que resulta e é desencadeada deste ato ao passar de seu momento fugaz no presente. Sendo assim que a ação só se revela para o contador da estória de forma retrospectiva, para quem narra, permanecendo oculta para o próprio ator, ao menos no momento do ato. Diz a

---

<sup>15</sup> *Ibidem.* p. 224.

<sup>16</sup> *Ibidem.* p. 228.

<sup>17</sup> Foi mantida aqui a distinção entre *story* (estória) e *history* (história) de Arendt conservada por Adriano Correia na tradução de *A condição humana* (11ª ed.) e que ele deixa esclarecido na *Nota à nova edição brasileira* que pelo próprio contexto no qual a autora emprega os termos fica clara a especificidade do uso conceitual destas palavras.

<sup>18</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p. 238.

autora que: “Muito embora as estórias sejam o resultado inevitável da ação, não é o ator, e sim o contador da estória aquele que percebe e ‘faz’ a estória<sup>19</sup>”.

É condição pré-política e pré-histórica da história (a grande história sem começo nem fim) que toda vida individual entre o nascimento e a morte possa ser narrada, e é pela ação que cada vida humana conta suas estórias tanto quanto a história da humanidade se escreve. Na história como um todo o sujeito é a humanidade e assim uma abstração que jamais pode se tornar agente ativo, é a história de muitos autores e oradores, sem nenhum autor ou orador tangível<sup>20</sup>. A história, resultado da ação, não tem criador, narrador, ou historiador. Ela resulta da interação entre autores, única forma da manifestação intangível de um “quem” se tornar tangível de modo retrospectivo pela verificação da ação e do discurso. Arendt exemplifica a respeito:

Assim, embora saibamos muito menos a respeito de Sócrates, que jamais escreveu uma linha sequer nem deixou obra alguma atrás de si, que a cerca de Platão ou Aristóteles, sabemos muito melhor e mais intimamente quem foi Sócrates, por conhecermos sua estória, do que sobre quem foi Aristóteles, acerca de cujas opiniões estamos muito mais bem informados.<sup>21</sup>

Toda imprevisibilidade do ato está relacionada ao caráter revelador da ação e do discurso, onde alguém se revela sem se conhecer ou ainda sem ser capaz de calcular antecipadamente a quem revela. A *eudaimonia* é a identidade distinta que acompanha cada homem ao longo de sua vida, que não lhe é visível, mas sim visível aos outros. É uma condição de existência. É a essência de quem alguém é, o que só passa a existir quando a vida acaba deixando por trás de si uma estória que é posta nas mãos de um narrador<sup>22</sup>.

A identidade se manifesta no domínio político, o qual resulta da ação em conjunto, de palavras e atos compartilhados. É o espaço onde as pessoas aparecem umas para as outras, o espaço onde as pessoas são<sup>23</sup>. Onde quer que as pessoas se reúnam este espaço político existe potencialmente.

### **3. Da tentativa de eliminação da ação: tirania, totalitarismo e incerteza**

---

<sup>19</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p.240.

<sup>20</sup> *Ibidem.* p. 231.

<sup>21</sup> *Ibidem.* p. 233.

<sup>22</sup> *Ibidem.* p. 241.

<sup>23</sup> *Ibidem.* p. 248.

# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

*Autarquia Municipal de Ensino Superior*

www.direitofranca.br

## Revista Eletrônica

A imprevisibilidade dos resultados da ação que segue em cadeia no tempo, a irreversibilidade desse processo e o anonimato dos autores da ação fizeram com que os homens de ação e os pensadores procurassem um substituto para ela. Essas características da ação das quais o homem tenta se proteger resultam da condição humana da pluralidade, que é condição do espaço onde os homens aparecem uns para os outros que é o do domínio público. Para Arendt agir é tanto começar, governar como também realizar, acabar, mas este verbo foi dividido em duas funções diferentes onde o começo é desempenhado por um líder que ordena e a execução é desempenhada por vários outros, os súditos. Dessa forma um governante bem sucedido passou a poder reivindicar para si aquilo que em verdade era a realização de muitos, dando ensejo à falácia do homem forte, poderoso que age sozinho. Assim, tentou-se eliminar a pluralidade e o domínio público de modo que o governo de um só homem foi a solução nas suas variações desde a franca tirania de um contra todos até o despotismo benévolo, chegando nas formas de democracia onde a maioria constitui um corpo único coletivo. Embora um tirano possa ser bondoso e indulgente, todas as formas de tiranias banem o cidadão do domínio público<sup>24</sup>, porque na tirania o cidadão deve se retirar para o espaço privado enquanto que o governante, sozinho, permanece cuidando dos assuntos públicos. As pessoas não agem e não aparecem mais nesse espaço e suas identidades não são desveladas. Em suma, as pessoas deixam de ser com o desaparecimento do espaço público, que é o espaço da política.

A razão de ser da política “é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação<sup>25</sup>”. Sem a liberdade a vida política é destituída de sentido. A ação livre brota de princípios, ao passo que estes princípios só se manifestam no ato realizador. Princípios não operam no interior de cada um como o fazem os motivos. Eles são o que Montesquieu chamou de virtude, por isso “a validade de um princípio é universal.<sup>26</sup>” Sendo nesse sentido que Arendt fala que em se entendendo o político no sentido da *polis* sua razão de ser seria o de “estabelecer e manter um espaço em que a liberdade, enquanto virtuosismo, pudesse aparecer<sup>27</sup>” para constituir uma realidade concreta. De acordo com ela “Os homens são livres – diferentemente de possuírem o dom da liberdade – enquanto agem, nem antes e nem depois;

---

<sup>24</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p. 276.

<sup>25</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. (trad. Mauro W. Barbosa). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. P. 192.

<sup>26</sup> *Ibidem*. P. 199.

<sup>27</sup> *Ibidem*. P. 201.

pois ser livre e agir são uma mesma coisa.<sup>28</sup> Contudo, houve o desvio filosófico da liberdade que se manifesta pela ação para o livre arbítrio, o ideal de liberdade deixou de ser o virtuosismo (princípio universal) tornando-se soberania, cujo representante mais coerente foi Jean-Jacques Rousseau, e para quem a liberdade deriva da vontade, de forma que o poder político passa a ser concebido na força de vontade individual. Esse individualismo extremo leva ao fato dos cidadãos não terem mais comunicação entre si<sup>29</sup> o que impossibilita a ação, e por conseqüência todo e qualquer espaço político. Assim, Arendt refuta a teoria de Rousseau ao dizer que:

Todos os negócios políticos são e sempre foram transacionados dentro de um minucioso arcabouço de laços e obrigações para o futuro - com leis instituições tratados e alianças - , derivando todos, em última instância, da faculdade de prometer e de manter a promessa face às incertezas intrínsecas do futuro. Além disso, um Estado em que não existe comunicação entre os cidadãos e onde cada homem pensa apenas seus próprios pensamentos é, por definição, uma tirania.<sup>30</sup>

Cabe esclarecer que na solidão (*Solitude*) o homem está em companhia de si mesmo sem perder, portanto o contato com os outros. No isolamento há além da impotência a perda desse contato com o outro, sendo que ele pode se tornar desolação onde há, além do abandono do outro, o abandono do si mesmo. Nos regimes tirânicos (onde o tirano é aquele que governa tal como um contra todos, e todos os que ele oprime são igualmente desprovidos de poder<sup>31</sup>) o que existe é o isolamento, onde há a quebra dos laços políticos, mas ainda resta a esfera privada. No totalitarismo, no entanto, o que se tem é a desolação, sentimento de não pertencimento ao mundo, onde há a privação não só da companhia dos outros como a de sua própria companhia deixando de existir até mesmo a esfera privada.

O isolamento<sup>32</sup> é solo fértil para o início do terror, porque no isolamento os homens são impotentes, no sentido de incapacidade básica para agir, mas como dito, no isolamento nem todos os contatos entre homens são interrompidos<sup>33</sup> o homem também permanece em contato com o mundo como obra humana<sup>34</sup>. Diz Arendt que:

---

<sup>28</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o ... op. cit.*, P. 199.

<sup>29</sup> *Ibidem.* 21-212.

<sup>30</sup> *Ibidem.* p. 212.

<sup>31</sup> *Ibidem.* P. 136.

<sup>32</sup> Isolamento e solidão não são o mesmo. O isolamento embora destrua o poder e a capacidade de agir deixa intactas as atividades produtivas do homem.

<sup>33</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo.* (trad. Roberto Raposo). 3 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. P. 526.

<sup>34</sup> *Ibidem.* p.527.



# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

*Autarquia Municipal de Ensino Superior*

[www.direitofranca.br](http://www.direitofranca.br)

## Revista Eletrônica

O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido de que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. Baseia-se na solidão, na experiência de não pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter.<sup>35</sup>

A solidão<sup>36</sup> significa não ter no mundo um lugar reconhecido por outros, é não pertencer ao mundo, ela é contrária às necessidades básicas da condição humana, visto que “somente por termos um senso comum, isto é, somente porque a Terra é habitada, não por um homem, mas por homens no plural, podemos confiar em nossa experiência sensorial imediata.<sup>37</sup>” Assim, no totalitarismo tem-se o terror total que comprime as massas de homens cada qual isolado uns dos outros. A confirmação da identidade de cada um depende totalmente de outras pessoas<sup>38</sup> no totalitarismo a solidão é tão insuportável que é a perda do próprio eu<sup>39</sup>, ele ao destruir todo o espaço entre os homens destrói até mesmo potencial produtivo do isolamento.

Sempre que galgou o poder o totalitarismo destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas adotando os métodos de intimidação e os instrumentos de violência do conhecido arsenal político da tirania, do despotismo e das ditaduras<sup>40</sup>. Nele o que existe é o poder arbitrário exercido em interesse do governante contra os governados de um lado e de outro o medo recíproco que o povo tem pelo governante e que o governante tem pelo povo.

É um regime que desafia todas as leis positivas, até mesmo as que ele mesmo estabeleceu. Afirma obedecer rigorosamente as leis da natureza ou da história que são as fontes de autoridade da qual as leis positivas recebem sua legitimidade final. Assim o totalitarismo apresenta-se obediente a estas forças às quais dá uma forma superior de legitimidade para que sejam dispensadas as legalidades menores. Dessa maneira tal regime pretende estabelecer a justiça diretamente pela execução da lei da história ou da natureza, descartando a lei positiva que teria em conta cada caso concreto com seu conjunto de

---

<sup>35</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do... op. cit.*, P. 527.

<sup>36</sup> Arendt explicita que estar só (sozinho) não é solidão, mas estar desacompanhado. A solidão se manifesta até mesmo na companhia de outros, enquanto que o estar só pressupõe a companhia de si mesmo e assim o estar consigo mesmo permanece. Todo ato de pensar é feito quando se está só..

<sup>37</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do... op. cit.*, P. 528.

<sup>38</sup> *Ibidem*. P. 528.

<sup>39</sup> *Ibidem*. P. 529.

<sup>40</sup> *Ibidem*. P. 512.

circunstância irrepetíveis<sup>41</sup>. É assim que o totalitarismo torna todas as leis em leis de movimento. Exemplo disso é a crença nazista em leis raciais baseada na lei da natureza de Darwin, do homem como produto de uma evolução natural em movimento unilinear, onde a natureza é assimilada na história<sup>42</sup>. As leis positivas são trocadas pelo terror total, que é a realização da lei do movimento da história ou da natureza, cujo objetivo final “[...] não é o bem-estar dos homens, nem o interesse de um homem, mas a fabricação da humanidade [...]”<sup>43</sup>, eliminando indivíduos pelo bem da espécie.

No estágio inicial o governo totalitário conduz-se como uma tirania colocando abaixo as leis feitas pelos homens o que significa destruir seus direitos e destruir a liberdade como realidade política, visto que o espaço entre os homens, delimitado pelas leis, é o espaço vital da liberdade. Quando o regime totalitário instaura o terror total constrói um ‘cinturão de ferro’ que funde a pluralidade em um só homem<sup>44</sup>. Busca neste ‘cinturão de ferro’ eliminar não só a liberdade, mas sua fonte que estaria no nascimento do homem e sua capacidade de começar o novo, ao executar sentenças de morte que a natureza supostamente pronunciara contra raças ou indivíduos que seriam indignos de viver, ou contra aqueles que a história tenha decretado<sup>45</sup>. O terror seria então um princípio não de ação, mas de movimento que não apenas escolhe as vítimas por critérios objetivos (independentemente de ações ou pensamentos individuais) como escolhe seus carrascos com descaso por suas convicções. Ele substitui a ação pela ideologia, que é mera “lógica de uma idéia<sup>46</sup>”. Entende a autora que:

O perigo de trocar a necessária insegurança do pensamento filosófico pela explicação total de ideologia e por sua *weltanschauung*<sup>47</sup> não é tanto o risco de ser iludido por alguma suposição geralmente vulgar e sempre destituída de crítica quanto trocar a liberdade inerente a capacidade humana de pensar pela camisa-de-força da lógica, que pode subjugar o homem quase tão violentamente quanto uma força externa.<sup>48</sup>

---

<sup>41</sup> *Ibidem*. P. 514.

<sup>42</sup> *Ibidem*. p.516-517.

<sup>43</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do... op. cit.*, P. 518.

<sup>44</sup> *Idem*.

<sup>45</sup> *Idem*.

<sup>46</sup> *Ibidem*. P. 521.

<sup>47</sup> Termo para designar uma concepção de potencia mundial que o nacional-socialismo vastamente utilizou. Uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de forma uniforme e com base a uma premissa superior dominante que responde todas as perguntas, ou seja, que dá para tudo um lugar fixo. A ideologia, concebida como *Weltanschauung* total, possui o que Hannah Arendt denomina “dominação total”, o que Carl Schmidt chamou de *Estado total*. É o que esclarecem os autores franceses Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe no livro *O mito nazista*. (trad. Márcio Seliqmann Silva). Rio de Janeiro: Ed. Iluminuras, 2002.

<sup>48</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do... op. cit.*, P. 521 - 522.

As ideologias libertam o pensamento da experiência arrumando os fatos sob a forma de um processo absolutamente lógico iniciado por uma premissa aceita axiomáticamente e reduz tudo o mais a esta premissa, agindo com uma coerência que não existe em parte alguma do terreno da realidade<sup>49</sup>. Já o preparo das vítimas e dos carrascos no totalitarismo não se dá pela ideologia em si, mas por sua lógica, cuja origem da força coercitiva emana do pavor humano pela contradição. A tirania da lógica inicia com a submissão da mente a um processo sem fim, ao qual ocorre a renúncia da liberdade interior, que equivaleria à sua capacidade de começar a pensar.<sup>50</sup> O pensamento é o oposto do processo compulsório de dedução, contudo o governo totalitário só se sente seguro mobilizando a própria força de vontade do homem mergulhando-o no movimento da história ou da natureza “que supostamente usa a humanidade como material e ignora nascimento ou morte.”<sup>51</sup>

O terror total arruína todas as relações entre os homens e o pensamento ideológico destrói toda a relação com a realidade, sendo que o súdito ideal do totalitarismo é aquele que não distingue a diferença entre o fato e a ficção (segundo Arendt a realidade da experiência), a diferença entre o verdadeiro e o falso (segundo Arendt os critérios do pensamento)<sup>52</sup> e a adesão destes ocorre pela falsa sensação de estabilidade imutável da não contradição, da inação.

A tentativa de eliminar a ação também resultou na canalização da capacidade humana de agir, ou seja, de iniciar processos novos no universo, de exploração das leis naturais e na fabricação de objetos a partir de materiais naturais. Processos ‘naturais’ que sem o homem não existiriam passaram a ser criados com a introdução do experimento, processos sem retorno, potencialmente irreversíveis, desdobramento da aptidão humana para agir, iniciar novos processos sem precedentes com resultados incertos e imprevisíveis que levou ao alargamento das capacidades humanas e também trouxe a incerteza<sup>53</sup>. Tal incerteza se aprofunda com o surgimento das armas de destruição em massa e a possibilidade do homem de se extinguir.

---

<sup>49</sup> *Ibidem*. P. 523.

<sup>50</sup> *Ibidem*. P. 525 - 526.

<sup>51</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do... op. cit.*, P. 526.

<sup>52</sup> *Ibidem*. P. 526.

<sup>53</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p. 2288-289.

Todas essas tentativas de extinguir a ação ocorrem do fato de que “[...] A força do processo de ação nunca se exaure em um único ato, mas, ao contrário, pode aumentar à medida que suas conseqüências se multiplicam [...]”<sup>54</sup> A ação não tem fim e tem a perduração da própria humanidade em sua reação em cadeia, seria motivo de exultação da imortalidade para os homens não fosse o ônus da irreversibilidade e da imprevisibilidade, gravames do quais a ação extrai sua própria força. O ator é incapaz de desfazer o que fez, embora não soubesse e nem pudesse saber o que fazia o que leva à caótica incerteza do futuro. É “[...] que seu verdadeiro significado [da ação] jamais se desvela para o ator, mas somente à mirada retrospectiva do historiador, que não age<sup>55</sup>”. Ser capaz de iniciar algo novo, mas não de controlar ou prever suas conseqüências leva o homem a concluir que sua existência humana é incoerente, o que leva ao equívoco de se querer negar a liberdade humana de agir.

#### **4. Conclusão: a esperança do reinício, a ação necessária**

Segundo Arendt, para Montesquieu, a suprema prova da imperfeição da tirania estaria no fato de ela tender a se destruir por dentro engendrando seu declínio porque falta na sua definição de governo o que ele chamou de ‘princípio de ação’ que inspirariam governantes e cidadãos em suas atividades públicas. Segundo ele esses critérios da ação seriam em uma monarquia a honra, em uma república a virtude e em uma tirania o medo<sup>56</sup>. De acordo com a autora também

O domínio totalitário, como a tirania, traz em si o germe da sua própria destruição. Tal como o medo e a impotência que vem do medo são princípios antipolíticos e levam os homens a uma situação contrária à ação política, também a solidão e a dedução do pior por meio da lógica ideológica, que advém da solidão, representam uma situação anti-social e contêm um princípio que pode destruir toda forma de vida humana em comum. Não obstante, a solidão organizada é consideravelmente mais perigosa que a impotência organizada de todos os que dominados pela vontade tirânica e arbitrária de um só homem.<sup>57</sup>

Então se pode entender que tanto os regimes tirânicos como até mesmo o totalitarismo trazem consigo a sua própria destruição. Eles provocam o desaparecimento da

---

<sup>54</sup> *Ibidem.* p. 290.

<sup>55</sup> *Ibidem.* p. 291.

<sup>56</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do... op. cit.*, P. 519.

<sup>57</sup> *Ibidem.* P. 531.

possibilidade de ação e suprimem o espaço público de forma que não há a possibilidade para o desenvolvimento deles mesmos no tempo. Desta maneira as gerações subsequentes, a cada novo nascimento, têm a chance de criar um mundo novo, de mudar o processo histórico e transformar coisas preexistentes em alguma outra coisa. O renascimento é bem colocado pela autora nas palavras de Cícero: “Em nenhum outro campo a excelência humana acerca-se tanto dos caminhos dos deuses [*numen*] como na fundação de novas comunidades e na preservação das já fundadas.”<sup>58</sup>

Santo Agostinho em ‘A Cidade de Deus’ concebe a liberdade não como uma disposição humana íntima, mas como modo da existência humana no mundo. Entende que o homem é livre por ser um começo, foi criado depois que o universo passou a existir e no nascimento de cada homem esse início é reafirmado. Assim, sendo um começo, cada homem pode começar. Nesta perspectiva ser humano e ser livre são a mesma coisa. “Deus criou o homem para introduzir no mundo a faculdade de começar: a liberdade.”<sup>59</sup> Entende Arendt que: “O que normalmente permanece intacto nas épocas de petrificação e de ruína inevitável é a faculdade da própria liberdade, a pura capacidade de começar, que anima e inspira todas as atividades humanas e que constitui a fonte oculta de todas as coisas grandes e belas.”<sup>60</sup>

Para Arendt o terror total poderia ser retardado pela liberdade do homem. Entende a autora que nem mesmo os governantes totalitários podem ignorar a liberdade que “equivale ao fato de que homens nascem e que, portanto cada um deles é um novo começo e, em certo sentido, o início de um mundo novo”<sup>61</sup>. Newton Bignotto ao analisar o trecho final da obra de Hannah Arendt *Origens do totalitarismo* opina que:

[...] o princípio de esperança em Arendt, se aceitarmos nomear assim a liberdade, se baseia no fato de que a característica que devemos reter de nossa condição, e que nos permite sempre esperar, é que nossa história é sempre fruto de um conjunto de fatores cujo resultado é indeterminado. A capacidade de criar dos homens deriva-se tanto do fato de que somos capazes de inventar novas formas de vida quanto dos limites impostos por essa mesma natureza aos feitos de nossa demiurgia. Seres criadores, não somos capazes de criar realidades que estejam fora do tempo e que durem para sempre, e, por isso, podemos esperar que o terror poderá ser destruído,

---

<sup>58</sup> CÍCERO. *De Re Publica*, 1, 7. Apud ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. (trad. Mauro W. Barbosa). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. P. 163.

<sup>59</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o... op. cit.*, P. 216.

<sup>60</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o... op. cit.*, P. 218.

<sup>61</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do ... op. cit.*, P. 518.

# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

Autarquia Municipal de Ensino Superior

www.direitofranca.br

## Revista Eletrônica

como todas as obras humanas foram e serão no futuro.<sup>62</sup> [...]“Mesmo o pior regime, ainda é um regime humano e sujeito à indeterminação de nossas ações<sup>63</sup>.

Embora o totalitarismo com toda sua potencialidade e risco tenha entrado para a história e fique como mais uma forma de governo surgida no mundo e que também o homem tenha desenvolvido tecnologicamente a capacidade de eliminar toda a vida na Terra, parece a Arendt no referido trecho final de sua obra *Origens do totalitarismo* que:

[...] todo fim da história constitui necessariamente um novo começo: esse começo é a promessa, a única ‘mensagem’ que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. *Initium ut esset homo creatus est* – ‘o homem foi criado para que houvesse um começo<sup>64</sup>, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é na verdade, cada um de nós.<sup>65</sup>

Os homens só são livres no momento em que agem e agir é impossível no totalitarismo de forma que não há liberdade. Neste caso um novo começo na história só é possível pelo milagre de começar que reside no fato do nascimento de cada homem. Este milagre consiste no agir, na capacidade de criação de novas realidades<sup>66</sup>. Tais milagres são eventos que causam “interrupções de uma série qualquer de acontecimentos, de algum processo automático, em cujo contexto constituam o absolutamente inesperado.<sup>67</sup>” Diz Arendt que:

É da própria natureza de todo novo início o irromper no mundo como uma ‘improbabilidade infinita’, e é, contudo, justamente esse infinitamente improvável que constitui de fato a verdadeira trama de tudo que denominamos de real. Toda nossa existência se assenta, afinal, em uma cadeia de milagres [...]<sup>68</sup>

E isto desde o aparecimento da Terra, passando pelo surgimento do homem no mundo e sua evolução. Há um elemento miraculoso presente em toda realidade dos

---

<sup>62</sup> BIGNOTTO, Newton. “Totalitarismo e liberdade no pensamento de Hannah Arendt”, in: MORAES, Eduardo Jardim de; BIGNOTTO, Newton. *Hannah Arendt diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. P. 121.

<sup>63</sup> *Idem*.

<sup>64</sup> AGOSTINHO. *De Civitate Dei*, livro 12, capítulo 20. *Apud* ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. (trad. Roberto Raposo). 3 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. P. 531.

<sup>65</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do ... op. cit.*, P. 531.

<sup>66</sup> BIGNOTTO, Newton. “Totalitarismo e liberdade no ...” *op. cit.*, P. 117.

<sup>67</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o... op. cit.*, P. 217.

<sup>68</sup> *Ibidem*. P. 218.

# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

*Autarquia Municipal de Ensino Superior*

[www.direitofranca.br](http://www.direitofranca.br)

## Revista Eletrônica

acontecimentos, cujos impactos nunca são inteiramente explicáveis. O que chamamos de real veio a existir mediante coincidências extraordinárias. Para a autora

[...] a história, em contraposição com a natureza, é repleta de eventos; aqui, o milagre do acidente e da infinita improbabilidade ocorre com tanta frequência que parece estranho até mesmo falar de milagres.<sup>69</sup>

Isso acontece porque os processos históricos são criados e sempre interrompidos pela iniciativa humana, pelo homem enquanto ser que age. A experiência do imortal corresponde a uma atividade humana, o homem é um ‘início e um iniciador’ e por ter recebido o duplice dom da liberdade e da ação pode mudar a realidade.

Arendt entende que a redenção possível para o revés da irreversibilidade da ação e sua reação em cadeia seria a faculdade de perdoar e que para as incertezas do futuro o remédio estaria na faculdade de prometer e cumprir promessas. A esse respeito entende Arendt que:

Sem estarmos obrigados ao cumprimento de promessas jamais seríamos capazes de conservar nossa identidade; seríamos condenados a errar, desamparados e sem rumo, nas trevas do coração de cada homem, enredados em suas contradições e seus equívocos – trevas que só podem ser dissipadas pela luz derramada no domínio público pela presença de outros, que confirmam a identidade entre aquele que promete e aquele que cumpre.<sup>70</sup>

Tanto o perdão como a promessa dependem da pluralidade, o perdão deve ser dado pelos outros e a obrigação da promessa depende do vínculo com o outro. No isolamento esta relação seria estabelecida entre a pessoa e ela mesma, contudo “[...] o código moral inferido das faculdades de perdoar e de prometer baseia-se em experiências que ninguém jamais pode ter consigo mesmo e que, ao contrário, se baseiam inteiramente na presença de outros.<sup>71</sup>” Como a ação recorrentemente estabelece novas ações em uma teia de relações, a ofensa se torna uma ocorrência que necessita do perdão para a desobrigação mútua dos homens daquilo que fazem sem o saber, para que eles possam ser agentes livres com constante disposição para mudar de idéia, recomeçar, começar algo novo.

A incapacidade humana de garantir hoje o que serão amanhã (confiarem no futuro) e a impossibilidade de previsão das conseqüências de um ato (considerado os vários atos subseqüentes que dele decorrem em cadeia) é o preço que o humano paga pela liberdade.

---

<sup>69</sup> *Ibidem*. P. 219.

<sup>70</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p. 296.

<sup>71</sup> *Idem*.

# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

*Autarquia Municipal de Ensino Superior*

[www.direitofranca.br](http://www.direitofranca.br)

## Revista Eletrônica

Prometer é tentar dominar a si mesmo e uns aos outros. Pessoas vinculadas por um propósito acordado que inspire a todas se sentem capazes de dispor do futuro como se fosse o presente<sup>72</sup>.

Como a tradição e os acordos mudam com o tempo a moralidade, ao menos no campo político, se apóia na disposição de perdoar e fazer promessas, que surgem da vontade/necessidade de convívio pela ação e pelo discurso como mecanismos de controle instaurados pela própria faculdade de iniciar processos novos e intermináveis. Diz a autora que: “[...] sem a ação e o discurso, sem a articulação da natalidade, estaríamos condenados a voltar incessantemente no ciclo sempre-recorrente do devir.”<sup>73</sup>

Acredita nossa autora que “Entregues a si mesmos, os assuntos humanos só podem seguir a lei da mortalidade [...]”<sup>74</sup> O que interfere nessa lei é a ação que interrompe seu curso biológico cotidiano. Diz ela que:

Prosseguindo na direção da morte, o período de vida do homem arrastaria inevitavelmente todas as coisas humanas para a ruína e a destruição, se não fosse a faculdade humana de interrompê-lo e iniciar algo novo, uma faculdade inerente à ação que é como um lembrete sempre-presente de que os homens, embora tenham de morrer, não nascem para morrer, mas para começar.<sup>75</sup>

O milagre da ação está no ‘infinitamente improvável que ocorre regularmente’<sup>76</sup>. É o fato de nascerem novos seres humanos e de haver um novo começo pela ação dos que são capazes no mundo por terem nascido, que o milagre é possível. “É essa fé e essa esperança no mundo que encontra sua expressão talvez mais gloriosa e mais sucinta nas breves palavras com as quais os Evangelhos anunciam sua ‘boa-nova’: ‘Nasceu uma criança entre nós.’”<sup>77</sup>

### Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. (trad. Roberto Raposo. Ver. Adriano Correia). 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

---

<sup>72</sup> ARENDT, Hannah. *A condição... op. cit.*, p. 303-305.

<sup>73</sup> *Ibidem*. p. 306.

<sup>74</sup> *Ibidem*. p. 307.

<sup>75</sup> *Idem*.

<sup>76</sup> *Idem*.

<sup>77</sup> *Idem*.



# FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

*Autarquia Municipal de Ensino Superior*

[www.direitofranca.br](http://www.direitofranca.br)

## Revista Eletrônica

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. (trad. Mauro W. Barbosa). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. (trad. Roberto Raposo). 3 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. (trad. Antonio Abranches e Helena Martins.) 4 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2.000.

BIGNOTTO, Newton. “Totalitarismo e liberdade no pensamento de Hannah Arendt”, *in*: MORAES, Eduardo Jardim de; BIGNOTTO, Newton. *Hannah Arendt diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CALVET DE MAGALHÃES, Thereza. *Somos do mundo e não apenas no mundo* [2009]  
Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~tcalvet>